

PRESENÇA REAL

“E toda a multidão procurava tocá-l’O, pois saía d’Ele uma força que a todos curava.” (Lc 6, 19)

“Toda a multidão procurava tocá-l’O”

Naquele tempo era assim: as multidões acorriam em massa aonde Jesus estava, e atropelavam-se para O tocar. Como é hoje nas nossas igrejas? Haverá ainda multidões a acorrer em massa aonde Jesus está? Onde estão as multidões de peregrinos que caminham até Fátima? Onde estão as multidões de jovens que participaram na JMJ? Onde estão as multidões de crianças que fizeram a sua Primeira Comunhão por estes dias, ou de jovens que foram crismados? Na missa seguinte ao grande dia, acorreram à igreja para O tocar?

Jesus mora na igreja mais próxima de nossa casa, no sacrário. Mas não está Deus em toda a parte? Não é verdade que Ele está aqui em casa também, e que me basta um breve pensamento para O encontrar? Sim, é verdade. Mas também é verdade que, no sacrário, Jesus não está apenas em espírito, está em Corpo, como cada um de nós sobre esta Terra. É uma presença palpável, material, real. A diferença é a mesma que acontecia no tempo de Jesus: Deus continuava a estar presente em todo o lugar, e mesmo sabendo disso, o povo crente acorria ao encontro de Jesus, não só para O escutar, mas para O tocar. Evidentemente que Jesus, em carne e osso, só podia estar presente num único lugar. Essa mesma evidência é a base da nossa fé na Eucaristia: Jesus está realmente presente na Hóstia Santa, em Corpo, Sangue, Alma e Divindade.

Ir a pé a Fátima, fazer uma peregrinação a Roma, a Lourdes ou à Terra Santa, é fantástico. Mas muito mais fantástico é entrar numa qualquer igreja. Esta peregrinação simples pode levar menos de cinco minutos, o suficiente para nos levar diretamente a Jesus, em Corpo e Sangue, como acontecia na Galileia há 2000 anos.

Saía d’Ele uma força que a todos curava

Na Galileia, a multidão acorria a Jesus trazendo-Lhe os doentes, para que ficassem curados. Mas todos estes doentes que Jesus curou vieram a morrer um dia. A cura física é uma grande graça, mas não dura eternamente. A cura espiritual, pelo contrário, tem valor eterno. Corremos, hoje, ao encontro de Jesus, para que a força que d’Ele sai nos cure espiritualmente, a fim de vivermos eternamente. Pois se as doenças podem matar a vida física, o pecado pode matar a vida espiritual, que é eterna. Dizia Carlo Acutis: “Diante do sol, bronzeamo-nos, mas diante de Jesus-Eucaristia, tornamo-nos santos.”

Tomar e comer

Na Galileia, a multidão ficava feliz por poder tocar Jesus. Hoje, temos a graça de poder fazer muito mais do que isso: podemos tocar Jesus, tomá-l’O na concha das nossas mãos, e comer a sua Carne, na aparência de pão. Enquanto vivermos na Terra, somos felizes, por acreditarmos sem ver, sem sentir, sem perceber!

Fico a olhar a fila dos crentes que se abeiram da mesa da Comunhão. Não lhe posso chamar multidão, pois há muito que não existem multidões nas igrejas. Alguns estão distraídos, outros recebem o Senhor com a indiferença com que recebem qualquer outro alimento. Poucos se dão conta do milagre.

Não são precisos gestos ostensivos para demonstrar ao Senhor o quanto O queremos amar. Deus é infinitamente mais simples do que nós, e ama a simplicidade. Basta um leve inclinar da cabeça ou uma genuflexão, um olhar de amor diante da Hóstia que o sacerdote eleva à nossa frente, as mãos estendidas como as de um pedinte, num gesto de infinito respeito. Toda a discussão sobre receber a Eucaristia na boca ou nas mãos é supérflua: a Igreja permite ambas as formas, pelo que não há uma que seja superior, mais correta, mais devota, que devamos reservar para os dias especiais, como se receber o Senhor na Eucaristia pudesse ser mais especial num dia que noutro. A nossa língua não é mais santa que as nossas mãos – no meu caso, e provavelmente no da grande maioria de nós, é bastante mais pecadora -, sendo, portanto, uma hipocrisia querer receber o Senhor diretamente na língua por uma questão de pureza legal, embora tenhamos toda a liberdade de o fazer por qualquer outra razão pessoal. Por difícil que nos seja aceitar, a verdade é que Jesus desce ao ponto de Se deixar tocar por nós, sabendo muito bem O risco que corre ao Se entregar assim – este Deus que continua disposto a correr risco de morte por nosso amor!

O Sagrado Coração

Por estes dias, já todos sabemos da grande alegria que o Senhor reservou para a nossa era: a canonização do jovem Carlo Acutis, este grande santo do século XXI, que compilou num *site* todos os milagres eucarísticos da História. Já depois da sua morte em 2006, ocorreram novos milagres eucarísticos. Há uma característica comum a todos os que puderam ser analisados pelas técnicas científicas atuais: o pedaço de carne em que se transformou o pão eucarístico durante o milagre pertence ao músculo cardíaco de um coração agonizante. Deus quer que tenhamos a certeza: a Eucaristia é o seu Sagrado Coração a pulsar de amor, mas um amor crucificado, que Se entrega até ao fim, sem hesitar, a fim de nos curar. Há Alguém que está vivo, mas morreu de amor por nós, e esse Alguém é o próprio Deus. Ainda ficamos indiferentes?

Compromisso

Façamos deste mês de junho o mês da Eucaristia: falemos dela aos mais novos, ensinemos e aperfeiçoemos os gestos de adoração e de comunhão, procuremos receber o Senhor com mais recolhimento, ensinemos orações simples de adoração aos filhos. Ao mesmo tempo, meditemos na simplicidade de Jesus, que Se entrega nas nossas mãos sem receio do que possamos fazer, uma simplicidade que não nos deixa ficar à distância com medo da nossa indignidade, mas nos faz correr como crianças ao seu encontro. *Ámen!*